

Encontros multiespécies: interlocuções entre mulheres agroecologistas e seres da Terra

Camila Ferraz Bortolini. Universidade Federal de Santa Catarina
Maria Juracy Filgueiras Toneli. Universidade Federal de Santa Catarina
João Manuel de Oliveira. Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Resumo

Esse artigo apresenta encontros multiespécies entre mulheres agroecologistas e seres da Terra. Trata-se de um recorte de uma pesquisa cartográfica com espectro maior, na qual foram realizados encontros individuais e coletivos com mulheres agroecologistas do Norte do Rio Grande do Sul. Em diários de campo foram registrados trajetos, paisagens e afetos que subsidiam a possibilidade da criação de narrativa das estórias de coabitação, coevolução e sociabilidade interespecífica encarnada. Pela via da observação dos diálogos com muitas línguas, asas e pétalas foi possível registrar relações permeadas de uma justiça multiespécies que ultrapassam os limites do excepcionalismo humano e germinam ecologias do cuidado.

Palavras-chave: gênero; agroecologia; espécies.

Abstract

Multispecies meetings: dialogues between women agroecologist and Earth beings. This article presents multispecies meetings between women agroecologists and Earth beings. This is an excerpt from cartographic research with a broader spectrum, in which individual and collective meetings were held with women agroecologists from the north of Rio Grande do Sul. In field diaries, paths, landscapes, and affections were recorded that subsidize the possibility of creating a narrative of stories of cohabitation, coevolution, and incarnated interspecific sociability. Through the observation of dialogues with many tongues, wings and petals, it was possible to record relationships permeated with a multispecies justice that goes beyond the limits of human exceptionalism and germinate ecologies of care.

Keywords: gender; agroecology; species.

Resumen

Encuentros multiespecies: diálogos entre mujeres agroecologistas y seres de la Tierra. Este artículo presenta encuentros multiespecies entre mujeres agroecologistas y seres de la Tierra. Este es un recorte de una investigación cartográfica de mayor espectro, en la que se realizaron encuentros individuales y colectivos con mujeres agroecologistas del norte de Rio Grande do Sul. En los diarios de campo se registraron recorridos, paisajes y afectos que auxilian la posibilidad de construir una narrativa de relatos de convivencia, coevolución y sociabilidad interespecífica encarnada. A través de la observación de diálogos con múltiples lenguas, alas y pétalos, fue posible registrar relaciones permeadas de una justicia multiespecies que traspasan los límites de la excepcionalidad humana y germinan ecologías del cuidado.

Palabras clave: género; agroecología; especies.

Introdução

Relações multiespécies: a dança do devir-com

A vida é uma interdependência incrivelmente complexa de matéria e energia entre milhões de espécies dentro e fora de nossa própria pele (Margulis, 2022). Descentralizar o humano nas narrativas é um desafio necessário para contar histórias de coabitação, coevolução e sociabilidade interespecífica encarnada, para assim, pensar em modos mais frutíferos de apreender políticas e ontologias vivíveis nos mundos da vida de hoje (Haraway, 2021). Uma narrativa interessada na diversidade de seres cria modos de habitar o mundo, e precisa ser construída no tecido complexo da materialidade e da linguística-discursiva-simbólica (Araiza Díaz, 2020).

Esse artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado intitulada “Germinações de paisagens multiespécies: singularizações de mulheres agroecologistas”, a qual foi guiada pelos princípios da cartografia e realizada entre os anos de 2021 e 2023. Tratando-se de um fragmento, nesse escrito parcial e feminista contamos algumas estórias¹ de coabitação no emaranhado de encontros entre mulheres agroecologistas e os seres da Terra, apresentando conceitualmente as relações multiespécies, as conexões desse conceito com prática da agroecologia, para pôr fim entrelaçar essas noções com a ecologia do cuidado que envolve esses encontros.

As relações multiespécies são como uma dança, compostas por habilidosos corpos humanos e não humanos (Tsing, 2019). Nossos lugares selvagens e não tão selvagens, são feitos em trilhas de travessia, algumas populações de determinadas espécies irão florescer, enquanto outras morrerão; são as linhas de atividades dançadas de grupos particulares que fazem toda a diferença (Tsing, 2019). Uma dança multiespécies forma uma trajetória de passos, que pode ser acompanhada e apreciada. Embora seja impossível reproduzir um movimento, um ritmo de uma flor, um pássaro ou um cogumelo, por não termos pétalas, asas ou píleos, podemos dançar com esses seres criando uma coreografia singular. “Uma coreografia comum é sempre reconfiguração, deslocamento no interior de um comum para colocar ali o que não era comum. É diferença e singularidade” (Guzzo, 2021, p. 17).

“Uma comunicação corporificada é mais como uma dança do que uma palavra” (Haraway, 2022, p. 41). As mulheres agroecologistas criam modos se comunicar com o solo, com as estações, com os insetos e com as

plantas, em um mundo de desequilíbrios ambientais e mudanças climáticas, elas reestruturam esses diálogos. Haraway (2023) nos lembra que as plantas, bactérias e fungos, também são linhas de vida dos animais para a comunicação com o mundo abiótico, produzir alimentos é uma conversa entre humanos e a Terra. O conhecimento e o pensamento são inconcebíveis sem uma multitude de relações que fazem possível um mundo onde pensamos-com (Bellacasa, 2012). Pensar-com, mundar-com, devir-com outros seres é criar condições para continuidade de existências, demonstrando um compromisso de viver e morrer com uma responsabilidade (*response-ability*) (Haraway, 2023).

A agroecologia é uma ciência/prática de resistência/movimento social fundamentada na perspectiva ecológica que busca estabelecer relações equilibradas com os ecossistemas, incluindo o ser humano em uma perspectiva integrativa, e compreendendo as dinâmicas entre solo-planta-humano (Primavesi, 2002). Os processos agroecológicos se pautam na observação e conhecimento das técnicas de seres não humanos, como, por exemplo, a propagação de sementes que pássaros realizam, a organização das abelhas, os sinais dados por “plantas indicadoras” que nascem espontaneamente e mostram a qualidade do solo, dentre tantas outras práticas (Garcia, 2021).

É na superação da excepcionalidade humana e no reconhecimento da agência não humana no mundo, que se pode praticar uma agricultura que cultive interações não exploratórias entre seres humanos e não humanos (Garcia, 2021). O humano visto na centralidade do mundo se constituiu na operação do par binário natureza/cultura (Haraway, 2016). “Desde a Antiguidade grega a Filosofia ocidental hegemônica se ancora em uma visão do humano como ‘animal racional’ pautada em hierarquias entre os seres vivos” (Garcia, 2021, p. 40). Esse ideal de humanidade criou uma ontologia do humano como ser especial, a qual se aliou à concepção de conhecimento científico, centrada na figura do cientista que desvaloriza os saberes tradicionais, e juntas produziram um humano, isto é, o moderno, ocidental e branco, apartado do mundo, isto é, da natureza (Marras, 2018).

Uma das agricultoras agroecologistas, participante da pesquisa que deu origem ao presente texto, expressou indignação com a binaridade entre humano e natureza, utilizando a expressão “dono e senhor da Terra” (Pitanga, comunicação pessoal, 26 de abril de 2022) para sinalizar como acredita ser absurdo os seres

humanos tentarem dominar e se separar da natureza. Com ironia, ela diz: “Eu não sei aonde que esse povo pensa que é desconectado ... Qual o sentido? Como é que o ser humano que é um bicho pode ser desconectado da natureza? Me explique! ... É evidente que as pessoas se fragmentam da natureza, é isso que tá acabando com a humanidade e o ambiente” (Pitanga, comunicação pessoal, 26 de abril de 2022). O excepcionalismo humano tem raízes em uma história colonial e capitalista que nos conduz para um mundo de ruínas (Tsing, 2019). A agroecologia vai na contramão desse tipo de concepção e afirma que nossa existência humana só se dá em uma interdependência com incontáveis criaturas. E essas existências dependem de um cuidado mútuo, atento e relacional (Dell’Aglío, 2021).

O cuidado é um conceito caro para a teoria feminista. Não é uníssono e tem sido trabalhado sob perspectivas plurais, por vezes até mesmo dissonantes. Autoras como Joan Tronto, Eva Feder Kittay, Carol Gilligan, Nel Noddings, Sara Ruddick, Virgínia Held, Judith Butler, têm se dedicado a compreender as nuances desse conceito dentro de sua complexidade, principalmente, na perspectiva da Ética do Cuidado. Nesse trabalho, nos centraremos na noção de cuidado de duas autoras, Donna Haraway e Maria Puig de la Bellacasa, além de adotarmos o uso da terminologia “ecologias do cuidado” (Dell’Aglío, 2021).

O termo ecologias do cuidado é cunhado no sentido de construir uma virada epistemológica nos estudos feministas sobre cuidado. Propõe uma crítica à “economia do cuidado” no que tange um debate existente há muito tempo no feminismo: o do trabalho doméstico, que, em diálogo com a teoria marxista, argumenta sobre a necessidade de visibilizar o lugar do trabalho não remunerado no processo de acumulação capitalista e nas implicações de exploração das mulheres (Dell’Aglío, 2021). Sob esse crivo, a economia do cuidado apresenta limites visto que a “divisão sexual do trabalho” carrega perspectivas colonialistas e binárias em relação ao gênero, partindo do pressuposto de sexo como uma materialidade fixa e imutável, reproduz uma lógica hetero-cis-normativa e, ainda, colonizadora, uma vez que analisa esses “papéis” a partir de um entendimento de uma família branca e europeia (Dell’Aglío, 2021). Desde essa perspectiva feminista, o cuidado não pode ser entendido por meio da noção binária entre práticas suavemente harmoniosas e bondosas, ou, estritamente ligadas à exploração e dominação (Bellacasa, 2012).

O cuidar, na perspectiva de Haraway (2023), significa (re)(de)compor-com, devir-com, pensar-com, tornar-se-com, entendendo que em um mundo multiespécies, nesse mundo as existências não precedem suas relações, se produzem a partir de uma involução material-semiótica. Nessa significação, cuidar e relacionar-se compartilham conceitos e uma ressonância ontológica, em um mundo feito de formas heterogêneas interdependentes, processos de vida e de matéria (Bellacasa, 2012). Para cuidar de algo, ou de alguém, é inevitável criar relações. Cuidar tem a ver com:

... os dispositivos coletivos e técnicos que permitem prestar atenção outramente, isto é, de outra maneira que não aquelas como já tendemos, ou somos forçados, a prestar atenção. E, sobretudo, prestar atenção em como outros praticam sua atenção. Essa atenção nas formas de prestar atenção dos outros é o principal sentido, ainda que não o único, do que chamo de cuidado. Nessa prática, há implicação no devir do outro, produzindo um desvio mútuo das trajetórias de vida (Silva e Silva, 2021b, p. 56).

Pensando nas dimensões do devir-com, esse trabalho ocupa-se em descrever e analisar a comunicação corporificada entre mulheres agroecologistas, seres da Terra e existentes, como plantas, árvores, animais, solo, rochas (Cadena, 2018). Para assim refletirmos quais as práticas nos ensinam as mulheres agroecologistas sobre os movimentos de Terraformação (Haraway, 2023) nos processos de cuidar, viver e morrer em um mundo multiespécies.

Breves notas de apresentação do território e das participantes

O território do Norte do Rio Grande do Sul foi o escolhido, pois a primeira autora conhecia a região, havia estabelecido vínculos e trabalhado como assessora técnica de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) localizada lá. Esses aspectos auxiliaram na chegada no território, no que diz respeito à própria geografia conhecida, bem como na receptividade e abertura afetiva das participantes. Dentro do Norte foi selecionada a região do Alto Uruguai que é composta por 32 municípios, sendo o maior deles Erechim (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022), visto que lá havia uma das sedes da OSC.

Erechim pertence a zona climática subtropical úmida designada pela letra C, com o tipo climático Cfa, segundo a classificação do clima de Köppen (Prefeitura Municipal de Erechim, 2022). No verão a temperatura

média é de 28°C e no inverno de 8°C, a cidade sofre variações de temperatura na troca das quatro estações, mas nunca se registrou frio ou calor demasiado (Prefeitura Municipal de Erechim, 2022).

As participantes residem em cidades pequenas, no entorno de Erechim, as quais são: Barão do Cotegipe, Áurea e Aratiba. Barão do Cotegipe tem 6.529 habitantes (IBGE, 2012), a área da unidade territorial é de 260,505 km², sendo a área urbanizada de 3,89 km² (IBGE, 2022). Áurea tem 3.665 habitantes (IBGE, 2012), a área da unidade territorial é de 156,727 km², sendo a área urbanizada de 1,56 km² (IBGE, 2022). Aratiba tem 6.565 habitantes (IBGE, 2012), a área da unidade territorial é de 342,279 km², sendo a área urbanizada de 3,12 km² (IBGE, 2022).

Pitanga, Bracatinga e Cacau são nomes fictícios das participantes.² Pitanga que tem 32 anos, é agricultora agroecologista, tecnóloga em agroecologia e reside em Barão do Cotegipe com o esposo de 35 anos e dois filhos, um de 11 e outro de 6 anos. Bracatinga que tem 39 anos, é agricultora agroecologista, agrônoma e reside em Áurea com o esposo de 49 anos, com a filha de 10 anos e o filho de 5 anos. Cacau que tem 31 anos, é agricultora agroecologista e reside em Aratiba com sua mãe de 53 anos e sua irmã de 30 anos.

Métodos e procedimentos

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos³, que percorreu paisagens multiespécies buscando identificar os processos de singularização produzidos por mulheres agroecologistas. Sendo a primeira autora a mestranda responsável pela dissertação e as demais orientadora e coorientadora, respectivamente. A pesquisa foi tecida na perspectiva cartográfica que, segundo Cabral (2015), é um emaranhado de estratégias que trabalham para dinamitar a cisão entre “sujeito” e “objeto”, e se faz na construção de um agenciamento, um disparador, uma estratégia de agitação. “Cartografias existem para agitar matérias, afetos, para colocar corpos em funcionamento e ação – não para representá-los” (Cabral, 2015, p. 23).

Vínculos e afetos brotaram nessa construção criando a possibilidade de escrever um conhecimento parcial e localizado (Haraway, 2019). A escrita situada é deliberadamente atribulada por obstáculos para desafiar o reducionismo e minuciar as teias de relacionamento que compõem um mundo (Bellacasa, 2012).

Ainda é preciso demarcar que essa é uma escrita feminista, a qual demanda uma corporificação, congregando os anseios feministas de parcialidade, objetividade e conhecimentos localizados. A partir desse lugar é possível incentivar “... conversas e códigos neste potente nódulo nos campos de corpos e significados possíveis” (Haraway, 2019, p. 41).

Foram estabelecidos alguns critérios para a escolha das participantes, a saber: que as agricultoras agroecologistas vivessem no Norte do Rio Grande do Sul; tivessem certificado de produção orgânica pelo Sistema Participativo de Garantia (SPG)⁴ da Rede Ecovida de Agroecologia⁵, e que pertencessem ao mesmo Núcleo Regional, que é uma das instâncias de organização da Rede Ecovida de Agroecologia, na qual são aglutinadas(os) agricultoras(es) que têm propriedades próximas em um território. Desse modo, foram escolhidas três mulheres agroecologistas que habitavam esse território e que contemplavam os critérios estabelecidos supracitados.

Como já citado anteriormente, a primeira autora responsável pela pesquisa de campo conhecia o território em razão de atuação profissional, e por isso tinha o contato telefônico das agricultoras. O primeiro contato foi telefônico para apresentação da proposta de pesquisa e convite para participação das etapas.

A pesquisa de campo se deu em duas etapas: um encontro individual na propriedade de cada agricultora e um encontro coletivo com elas. Em abril de 2022 foram realizadas visitas sequenciais, com duração entre um e dois dias, em cada propriedade com a intenção de acompanhar suas rotinas, práticas cotidianas e dialogar sobre os temas que elas considerassem pertinentes, sem um roteiro rígido e pré-estabelecido. Em setembro de 2022 foi realizado o encontro coletivo que teve como objetivo apresentar o andamento da dissertação e dialogar sobre quais aspectos elas consideravam importantes estarem contemplados. A proximidade geográfica entre elas facilitou o encontro coletivo presencial, assim como o deslocamento entre uma propriedade e outra durante os encontros individuais.

Resultados e discussões

Os trechos dessa seção de resultados e discussões são narrados em primeira pessoa, visto que são relatos extraídos dos diários de campo da pesquisadora responsável pela dissertação. Esse tipo de narrativa visa

destacar aspectos importantes da construção dos diálogos entre pesquisadora e participantes.

Na análise dos resultados fragmentos dos diários de campo foram concatenados com contribuições teóricas para contarmos estórias de algumas interlocuções entre as mulheres agroecologistas e os seres da Terra. A partir dos encontros, e no encadear dos diálogos multiespécies, foram definidas para análise duas questões centrais, as quais dão conta de cartografar as interlocuções foco do artigo: 1) Quais são os significados materiais-semióticos impregnados nos corpos de seres, como insetos e fungos, e como esses significados são construídos nas interlocuções com as agricultoras agroecologistas? 2) Quais ontologias do cuidar, viver e morrer são assumidas nas práticas cotidianas dessas mulheres com os seres da Terra?

Pluralidade de formas, texturas e cheiros: diversidades de interlocuções

Em um domingo, após o almoço estava deitada na rede na varanda da casa da Pitanga, quando notei as abelhas nativas Manduri (*Melipona Marginata*), que moram em uma caixa na frente da casa, voando de maneira rápida e desordena. Comentei: “Tô achando elas muito agitadas, será que tem alguma coisa na caixa?”, Pitanga respondeu: “Ontem eu fui limpar as janelas e troquei a caixinha uns centímetros de lugar, elas já ficam todas perdidas” – ela mexe na caixa e conversa com as abelhas: – “pronto, pronto abelhinhas, agora a casa de vocês tá no lugar certo!” (Pitanga, comunicação pessoal, 24 de abril de 2022). As abelhas rapidamente entraram na caixa em seu devido lugar.

Essa cena é especialmente importante para mim. Ao longo de anos de convivência com agricultoras aprendi a interpretar a linguagem dos outros seres, pois elas me ensinaram a estar atenta aos sinais da comunicação que não se materializam pela via da palavra. Testemunho na relação entre humana e abelhas o esforço do exercício de uma prática de cuidado entre seres. Antes de falar sobre cuidado, adentro no universo pluriforme dos insetos.

Esses seres estão por toda parte, são numerosos e representam cerca de 90% da diversidade animal no planeta, “o inseto é mais a vida das formas do que uma forma de vida” (Coccia, 2020). Eles são uma representação da multiplicidade em si, sua existência assume tantas formas, silhuetas e capacidades que nos são inimagináveis. As abelhas, por exemplo, são imprescindíveis para polinização. Bracatinga relata que o vizinho planta milho transgênico e para proteger o milho “crioulo” “é

preciso plantar em épocas diferentes para que as abelhas não polinizarem os dois milhos juntos. A transgenia passa pelo ar, pelos insetos” (Bracatinga, comunicação pessoal, 27 de abril de 2022). Em uma polinização concomitante modifica-se o milho “crioulo” transformando-o em transgênico. O que é apenas um exemplo do impacto que esses pequenos seres podem ter em um ecossistema.

O mundo antropocêntrico compreende a existência de um ser menor como menos complexa e significativa. Contudo, há muitos estudiosos interessados em se aproximar deles para compreender melhor seus modos de estar no mundo. O etnólogo Jonathan Balcombe (2021), em seu livro “*Super Fly: The Unexpected Lives of the World’s Most Successful Insects*”, mostra a ordem *Diptera* (moscas, mosquitos, varejeiras, pernilongos, borrachudos e mutucas) em toda a sua diversidade, ilustrando o papel fundamental que eles desempenham em todos os ecossistemas como polinizadores, eliminadores de resíduos, predadores e fonte de alimento; e também como as moscas continuam a remodelar nossa compreensão da evolução.

Ainda assim desdém e repugnância são afetos frequentemente relacionados a eles. A pergunta que interessa é: - o que nos levou a sentir esses afetos quando nos deparamos com alguns insetos? Nessa significativa trama de naturezas culturas, recorro às reflexões de Sara Ahmed (2014) em “*La Política Cultural de Las Emociones*”. Neste livro ela afirma que a repugnância é um afeto que se produz na intercorporeidade entre sujeito e objeto, evento ou situação que provoca expressões corpóreas, de certo modo, materiais, como: uma expressão facial característica, uma ação pertinente (nos distanciamos do objeto ofensivo), uma manifestação fisiológica evidente (náusea) e um estado sensitivo característico (repulsa). O objeto de repulsa impregna no nosso corpo e nos tornamos atentos aos detalhes da superfície do objeto: sua textura, seus cheiros, seu gosto, seus contornos e suas formas, como ele adere e se move. Esse é um afeto que nos toma, mas como Ahmed (2014) propõe, é preciso entendê-lo não somente como um sentimento visceral incontrolável. O modo como sentimos e pelo que sentimos repulsa está ligado a construções de significado materiais, semióticas, coletivas e culturais.

Coccia (2018) corrobora com essa compreensão defendendo que a natureza não é o que precede a atividade humana, nem o oposto da cultura. Ela é o que permite tudo nascer e devir, é o princípio e a força

responsáveis pela gênese e pela transformação de todo e qualquer objeto, coisa, entidade ou ideia que existe e existirá, entendendo que “identificar natureza e cosmo significa antes de tudo fazer da natureza não um princípio separado, mas aquilo que se exprime em tudo que é” (p. 22). A construção da dicotomia humano-natureza não nos permite pensar juntos ou nos reconhecer em um universo comum. Donna Haraway (2021) vem investigando o binarismo natureza/cultura e aposta na indistinção e indissolubilidade desses dois polos, visto que:

... as trajetórias de vida humanas, caninas, ou de qualquer outro ser, são sempre naturais-culturais. Isto é, são produto e produtoras de naturezas-culturas em que a vida individual é inextricável da coletividade e a existência de uma espécie depende incontornavelmente de suas relações com outras espécies e com os ambientes. Para as naturezas-culturas humanas, isso significa que o humano é inseparável do mais que humano (Silva e Silva, 2021a, p. 180-181).

Para exemplificar essa inseparável relação entre natureza e cultura, recorro ao cogumelo matsutake. Esse fungo comestível é reverenciado por marcar o aroma do outono no Japão. Segundo Tsing (2022) seu cheiro está longe de ser uma unanimidade, sendo que seus apreciadores relacionam o aroma com pequenas memórias de tempos passados, com o perfume da vida nos vilarejos, assim como o odor do outono e das florestas abertas de pinheiros que hoje estão superpopulosas e moribundas. Entretanto, há pessoas que não suportam o cheiro do matsutake, em sua maior parte europeias e estadunidenses (Tsing, 2022). O primeiro nome científico dessa espécie foi atribuído por um norueguês como “*Tricholoma nauseosum*”. Contudo “nos últimos anos, os taxonomistas criaram uma exceção para as regras convencionais de precedência para nomear o cogumelo, reconhecendo as predileções japonesas, como “*Tricholoma matsutake*” (Tsing, 2022, p. 103).

Outro fato interessante sobre esse cogumelo é que, enquanto cientistas estadunidenses estudaram o cheiro do matsutake para ver o que ele repele, cientistas japoneses estudaram o que ele atrai (Tsing, 2022). As descobertas foram que repele lesmas e atrai alguns insetos voadores (Tsing, 2022). “O cheiro de matsutake contém e entrelaça memória e história - e não apenas para humanos Há um nó intrigante entre natureza e cultura nessas indeterminações. Diferentes formas de sentir cheiro e diferentes qualidades de cheiro são aglutinadas” (Tsing, 2022, p. 104).

Talvez nossa relação com insetos esteja marcada por uma cultura que os despreza. Não quero dizer que os insetos são bichos bonitos, amáveis e que, necessariamente, devam ser protegidos por nós humanos. Os desequilíbrios ecológicos fazem com que essas espécies se reproduzam e perturbem ambientes, o que não significa que sejam um problema ou uma solução em si, eles apenas precisam de condições de habitabilidade equilibradas. Digo isso, pois no almoço na casa de Cacau, ela demonstrou incômodo com as moscas e disse: “Aqui ao redor tem muitos poteiros, então tem muitas moscas, não tem o que fazer” (Cacau, comunicação pessoal, 28 de abril de 2022). Ela vive em um ambiente em que a geografia sinuosa não permite a monocultura extensiva, então a agricultura mais rentável nesses territórios é a bovinocultura, trazendo como consequência uma população significativa de moscas que desequilibram o ecossistema.

Andando pela propriedade de Cacau notei iscas para moscas da fruta (*Tephritidae*). Essas armadilhas são feitas com garrafas pet, onde há uma pequena quantidade de solução que mistura açúcar mascavo e vinagre. A garrafa possui pequenos furos para que as moscas entrem e se alimentem da solução. Os pequenos furos dificultam sua saída e, por cansaço, elas caem na solução e morrem afogadas. Sabendo que na propriedade dela há uma grande diversidade de frutas, comento sobre a mosca: “Eu fiquei pensando aqui, em um pomar que tenha só um tipo de fruta, por exemplo laranja, elas têm mais força porque não tem tanta diversidade ao redor, aqui elas podem atacar um pé ou dois, mas não todos”. Ela explicou que mesmo com a diversidade de frutas que ela produz, há bastante mosca, algo que não é comum em produções biodiversas que mantêm espécies em equilíbrio, porque a região “... tá infestada da mosca da fruta” (Cacau, comunicação pessoal, 28 de abril de 2022). Ela conta: “Eu visitei um pomar de orgânicos que o pessoal tá passando perrengue, mas também, é só isso que tem, né? E tem os pomares convencionais ao redor, eles tacam veneno, veneno, veneno e as moscas vão pros orgânicos. Esse é problema também” (Cacau, comunicação pessoal, 28 de abril de 2022). Demarco novamente que o problema não está na existência ou não desse inseto, é a monocultura e o uso de agrotóxico que transformam essa existência em um problema.

Cuidar, viver e morrer em um mundo multiespécies

Em uma tessitura cotidiana entre milhares de seres, a agroecologia é criada em um ciclo no qual

plantas, micróbios, fungos, animais e tantos outros seres vivem e morrem. Na agroecologia há profundo respeito à diversidade e o consenso de que só existe um mundo vivível na relação de codependência entre seres humanos com os seres da Terra. Nesse sentido, é possível cultivar modos de ver, ser e estar no mundo que descentralizem o humano.

A codependência demanda cuidado, o qual é encarado aqui, a partir de uma perspectiva feminista, como uma contingência de existência. A práxis de cuidado multiespécies é uma prática comum das agricultoras, como humanas, elas criam condições de cuidado entre as outras espécies. Passeando pela agrofloresta de Pitanga ela conta: “... banana eu não sei se a gente vai conseguir colher, porque nosso clima é muito frio, mas eu plantei elas, porque banana é muito boa companheira das outras, ela retém umidade, ela ajuda a cuidar das outras” (Pitanga, comunicação pessoal, 26 de abril de 2022).

Nesse sentido, cuidar é mais do que um estado ético-afetivo: envolve engajamento material em trabalhos para sustentar mundos interdependentes (Bellacasa, 2012). O cuidado se funda nas práticas cotidianas que se envolvam com os problemas inescapáveis de existências interdependentes (Bellacasa, 2012). O cuidado diz respeito ao “vir a ser dos existentes e seus modos de relação e é também uma política de fazeres mundanos, não é uma política do cultivo de uma posição moralmente correta, mas uma política entendida pelas consequências materiais-semióticas dos cuidados que despense” (Silva e Silva, 2022, p. 228).

Lembrando que cuidar não significa ser afável ou bondosa, significa criar condições de existência equilibradas. Para as plantas se desenvolverem bem muitos insetos precisam morrer, e muito antes de usar veneno essas agricultoras contam com espécies companheiras (Haraway, 2021) que lhes ajudam a manter uma planta saudável. Contenta, Cacau me conta que: “... as galinhas ficam por aí também pra comer os insetos, os bichinhos que não queremos na horta” (Cacau, comunicação pessoal, 28 de abril de 2022). Além dos insetos, as espécies companheiras contribuem para equilibrar o ecossistema matando roedores e répteis, na propriedade de Cacau os gatos ajudam no controle dos ratos e das cobras, ela diz: “esse ano ainda não apareceram com cobra, mas já mataram até cobra coral. Pra mim é vantagem, eu tenho medo de cobra, a mãe mata, eu corro” (Cacau, comunicação pessoal, 28 de abril de 2022). Além dos gatos caçadores, na casa de Cacau há um lindo gato cinza que

cumprir uma função importante, ele é o companheiro de sua irmã, que é autista e tem dificuldades de locomoção e de fala. Quando a mãe e Cacau estão fazendo manejos longe de casa, esse gato é o guardião da irmã, ele “... fica por aqui o dia todo com ela, é mansinho” (Cacau, comunicação pessoal, 28 de abril de 2022).

As três propriedades têm cachorros que cuidam da segurança. No dia que passei na casa de Bracatinga, ela e a família se ausentaram durante cerca de duas horas, pois tinham um compromisso familiar. Sabendo que ficaria só, seu esposo me tranquilizou: “Aqui não acontece nada, no máximo você vai ouvir uns sapos, uns grilos, uns pássaros e só” (Esposo de Bracatinga, comunicação pessoal, 27 de abril de 2022), complementei: “e ainda vou ficar com a tigresa [a cachorra], estarei protegida”. Estar com tigresa, uma amável vira-lata de grande porte, foi como oferecer colo e carinho uma à outra. Ter algumas horas em silêncio foi importante, nesse momento consegui dimensionar o meu cansaço físico e mental. Durante os dias de pesquisa de campo estive muitas horas na estrada e extremamente atenta aos diálogos com as agricultoras, tudo isso com uma intensidade de afetos que levariam tempo para serem elaborados. Tigresa me ajudou a descansar.

Dizem que os cachorros foram os primeiros animais domésticos, desbancando os porcos. Humanistas tecnofílicos tratam a domesticação como o ato paradigmático masculino uniparental de autonascimento, por meio do qual o homem repetidamente se faz à medida que inventa (cria) suas ferramentas. O animal doméstico é uma ferramenta que serve como ponto de virada histórico, realizando na carne a intenção humana, em uma versão, em forma de cachorro, do onanismo. O homem pegou o lobo (livre) e o transformou em um cachorro (servo), tornando, assim, a civilização possível... O cachorro representa qualquer espécie de planta ou animal doméstico, subjugada às intenções humanas nas histórias de um crescente progresso - ou destruição, como preferirem. Aqueles que seguem a linha da ecologia profunda adoram acreditar nessas histórias apenas para repudiá-las em nome do selvagem que precedeu a Queda na cultura; assim como humanistas acreditam nelas para salvaguardar a cultura de invasões biológicas (Haraway, 2021, p. 36).

Quando abordamos o cuidado multiespécies é imprescindível pensar sobre as relações entre selvagem e doméstico. O devir-com tem a interdependência das espécies como regra do jogo, é o ato de amarrar

companheiro e espécie juntos no encontro, no olhar e no respeito em processos de mundificação na Terra (Haraway, 2022). É um jogo de espécies companheiras que aprendem a prestar atenção, e, no jogo, pouco fica de fora, “... certamente não as tecnologias, o comércio, os organismos, as paisagens, os povos e as práticas” (Haraway, 2022, p 32).

Durante um almoço na casa de Pitanga, um diálogo me conectou com as reflexões sobre doméstico e selvagem, cuidado multiespécies e devir-com. Eu elogio a carne de porco que estávamos comendo. Pitanga conta que é a carne de uma espécie de porco crioulo, que não são rosas, diferentemente dos porcos mais comuns, eles têm pintas preta e brancas, o casco de suas patas é parecido com as de cavalo, e a carne de fato tem um sabor diferente. Falando em porco ela lembra que o esposo trocou diversos pés de alface por um porco dessa espécie com um vizinho da comunidade, ela afirma: “Tem que buscar o porco lá no José!” (Pitanga, comunicação pessoal, 26 de abril de 2022), o filho mais velho responde: “Eu quero ir junto! Será que vai ser parecido com o Clóvis?” (Filho de Pitanga, comunicação pessoal, 26 de abril de 2022). Sem saber quem era Clóvis, pergunto: “Clóvis é o porquinho de vocês?” o menino me responde que sim e gentilmente, me convida para visitar o porco que fica na casa de sua avó no terreno ao lado. Digo que vou amar conhecer o Clóvis e em tom de brincadeira, pergunto: “Me diz uma coisa, é teu porquinho de estimação ou vai virar salame?”, o menino responde prontamente: “Os dois” (Filho de Pitanga, comunicação pessoal, 26 de abril de 2022). Nesse momento todos rimos e me dei conta da pergunta boba que tinha feito, depois de entender, afirmo: “Eu adorei essa resposta! Quem disse que não pode ser as duas coisas, né?”.

Fiz a pergunta ancorada em uma noção de que seria impossível uma concomitância entre ser bicho de estimação e para comer, denotando que um é mais cuidado que o outro em uma hierarquia de relações entre espécies. Isso não significa que não existem distinções entre bicho de comer e de estimação, mas nesse contexto a prática de cuidado não muda dentro dessas categorias. Essa hierarquização é chamada de fratura animal, por Malcom Ferdinand (2022), e obedece a uma certa classificação em que os animais mais selvagens “nobres” (ursos-polares, baleias, elefantes ou pandas) e os animais domésticos (cães e gatos) são colocados acima dos animais de “criação” (vacas, porcos ou ovelhas).

No almoço ainda comento: “... isso tudo só me faz pensar em como vocês tem uma relação diferente com os animais”. Pitanga corrobora: “Com certeza! Eu costumo dizer que a gente respeita os bichos como as plantas, nós cuidamos. Eu tenho muito problema em maltratar as plantas, de ver elas sofrendo, mas elas são nossa comida. Com os bichos a mesma coisa, a gente cuida, alimentamos, mas eles também são nossa comida” (Pitanga, comunicação pessoal, 26 de abril de 2022). Isso demonstra uma ética de cuidado com todos os seres da Terra, tratá-los com dignidade não significa, nessa cultura, a impossibilidade de matá-los. Nessa prática da agroecologia há uma dimensão em que as relações não se pretendem exploratórias como na produção massificada de carne, onde os animais são encarcerados e vivem uma vida violenta e miserável, na qual as trocas multiespecíficas são reduzidas. Nesse sentido, morrer assume o significado de compor ciclos, ou seja, “a morte nunca poderá interromper a vida, ela simplesmente muda o seu modo de existência. ‘Um cadáver’ é vida e refeição de outros seres vivos. Toda morte é uma continuação da vida sob outros rostos” (Coccia, 2020, p. 117).

A nutrição, para Coccia (2020), é a forma mais perturbadora de metamorfose, “... é a evidência da impossibilidade de considerar a forma que informa o ser vivo – na sua identidade individual e específica – como algo substancial, autônomo e, sobretudo, essencial, intrinsecamente inscrito na vida que a atravessa” (p. 116). Produzir comida na agroecologia diz respeito a alimentar os solos, seres humanos, animais e plantas, nesses ciclos do ato de alimentação, uma vida pode migrar de forma para outra:

... pelo ato da alimentação, toda vida demonstra sua natureza fisiologicamente multiespecífica e interespecífica: a necessidade de passar de uma espécie para outra, de uma forma para outra, assim como a necessidade de ser composto por várias formas de vida. A nutrição é também a evidência e a realidade de um movimento perpétuo que permite a todas as espécies construir simultaneamente uma mesma vida (pois alimentar-se significa encontrar a fórmula da equivalência fisiológica entre duas formas de vida), mas também diferenciar constantemente essa mesma vida (pois comer significa transformar uma forma em outra) (Coccia, 2020, p. 116).

É na metamorfose que nos alimentamos, somos alimento e cultivamos a Terra. Nós habitamos

as *humusidades*, não as humanidades, criaturas, humanas ou não, tornam-se-com outras, se compõem e se decompõem, em todas as escalas e registros de tempo, todas coisas no emaranhado simpoiético, na evolução ecológica (Haraway, 2023). Simpoieis é um conceito criado por Haraway que:

... que significa “fazer-com”. Nada se faz por si só; nada é realmente autopoiético ou auto-organizado.... Esta é a implicação radical da simpoieise. Simpoieise é uma palavra apropriada para designar sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos. Ela descreve a mundificação conjunta, em companhia. A simpoieise envolve a autopoieise, desdobrando-a e expandindo-a de maneira gerativa (Haraway, 2023, p. 111).

Cuidar, conversar e compreender o solo é um grande exemplo de mundar-com. É uma prática basilar e um exercício cotidiano das agricultoras, elas se fazem atentas aos sinais do solo e estão conscientes de sua complexidade. Na agroecologia o solo é não visto apenas como um “suporte” para adubos, plantios e água de irrigação, mas sim um organismo vivo, que respira, tem temperatura própria, cujo esqueleto é a parte mineral, os órgãos são os micróbios que ali vivem e o sangue é a solução aquosa que circula por ele (Knabben, 2016). Esse organismo é cuidado e nutrido pelas agricultoras agroecologistas, são as diversas práticas exercidas por elas para preservar a vida do solo e mantê-lo fértil. É importante lembrar que o solo cuida e nutre em um movimento recíproco de um ciclo de existência.

Aprender a cuidar do solo é viabilizar a produção de alimentos, sabendo que um solo bem nutrido, produzirá bons alimentos. Mas esse cuidado não é uma tarefa fácil, exige tempo de observação, estudo e uma série de tentativas e erros, para compreender quais são as demandas do solo e quais estratégias podem ser adotadas para deixá-lo mais saudável. Cada agricultora adapta os plantios levando em consideração as características dos solos em suas propriedades. Elas acumulam um conhecimento sobre quais manejos são mais adequados em cada território, para isso se mantêm atentas ao solo. Praticam uma ciência que se produz no cotidiano, em um cuidado atento às linguagens da T(t)erra. Cultivando relações atentas, nas quais o ser humano “planta, cuida, colhe, vive, experiencia, aprende, apreende, evolui e se encanta, num aprendizado que nunca se esgota” (Knabben, 2020, p. 214).

Conclusões

Essa pesquisa propôs fazer pensar, a partir das experiências das agricultoras agroecologistas, sobre modos de se comunicar, cuidar e se relacionar com os seres da Terra e existentes. Pensar sobre essas questões é corporificar possibilidades de existência. Aqui, se apreendeu maneiras de mundificação, de devir-com e pensar-com. Entramos na dança das relações multiespécies, acompanhando a comunicação corporificada que flui de uma maneira singular dentro de cada ecossistema.

As mulheres agroecologistas produzem paisagens biodiversas e redes de colaboração/coabitação. Na compreensão de que tudo está permeado de interdependência, nosso pensamento pode ser mais habitado de influências de diversos reinos e espécies. Pensar é pensar-com, e nesse trabalho, pensar é pensar-com o solo, as plantas, os animais, com as agricultoras.

Buscar coexistir com os seres da Terra, na realidade dessas mulheres, significa dar espaço para sua existência em uma perspectiva colaborativa, e nesse sentido vidas e mortes permeiam esses ciclos, assim uma vida integra a outra, no existir em muitas formas (Coccia, 2020). Todas as existências podem alimentar o ciclo agroecológico e a noção de cuidado vai ampliando-se no sentido de constituir um habitar em codependência e interrelação com responsabilidade no sentido que Haraway emprega (2023).-

A agroecologia corrobora na construção de condições de coexistência multiespécies, e pode ser uma prática que ajuda a mitigar antropocentrismos. Descentralizando o humano, se abrem possibilidades de semear cuidados mundanos, nos quais se possa viver e morrer bem, enchendo o que Haraway (2023) chama de “pacote de sementes para Terraformar com outros terráqueos”. Ainda foi possível fermentar a possibilidade de criar um conhecimento resistente, sujo de terra e comprometido com a justiça multiespecífica, estabelecendo relações permeadas de ecologias de cuidado.

Referências

- Ahmed, S. (2014). *La Política Cultural de Las Emociones*. Cidade do México: Edinburg University Press.
- Araiza Díaz, V. (2020). El pensamiento crítico de Donna Haraway: complejidad, ecofeminismo y cosmopolítica. *Península*, 15(2), 147-164.
- Balcombe, J. (2021). *Super Fly: The Unexpected Lives of the World's Most Successful Insects*. Nova York: Penguin Books.
- Bellacasa, M. P. (2012). ‘Nothing Comes Without Its World’: Thinking with Care. *The Sociological Review*, 60(2), 197-216. <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2012.02070>

- Cabral, R. (2015). *Abrindo os códigos do tesão: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico*. [Tese de Doutorado, Universidade do Porto, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis]. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169459>
- Cadena, M. (2018). Natureza incomum: histórias do antropoceno. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (69), 95-117. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p95-117>
- Coccia, E. (2018). *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie.
- Coccia, E. (2020). *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Editora Dantes.
- Dell'Aglio, D. (2021). *Ecologia do cuidado: práticas cotidianas e arranjos de imprevisibilidades em uma comuna rural*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/248495>
- Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora.
- Garcia, A. (2021). Filosofias para além do excepcionalismo humano: ecologias nas costuras entre mundos. *Revista Peri*, 13(2), 40-56.
- Guzzo, M. S. L. (2021). Coreografar o comum: aproximações deformativas para territórios. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 10, 1-21. <https://doi.org/10.5585/geas.v10i1.18438>.
- Haraway, D. (2016) Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica*, 5(3), 139-146.
- Haraway, D. (2019). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41.
- Haraway, D. (2021). *O manifesto das espécies companheiras – Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Haraway, D. (2022). *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu Editora.
- Haraway, D. (2023). *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Censo Demográfico 2010. Resultados gerais da amostra*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=destaques>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Cidades*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/>
- Knabben, V. M. (2016). *Ana Maria Primavesi: histórias de vida e agroecologia*. São Paulo: Expressão Popular.
- Knabben, V. M. (2020). A importância do conhecimento e do manejo biológico do solo tropical para a agroecologia sob a perspectiva de Ana Maria Primavesi. *Ambientes: Revista De Geografia e Ecologia Política*, 2(2), 190-217. <https://doi.org/10.48075/amb.v2i2.26587>
- Le Guin, U. K. (2021). *A teoria da bolsa da ficção*. São Paulo: n-1 edições.
- Margulis, L. (2022). *Planeta simbiótico: um novo olhar para a evolução*. Rio de Janeiro: Dantes Editora.
- Marras, S. (2018). Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (69), 250-266. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p250-266>
- Prefeitura Municipal de Erechim. (2022). *Clima*. <https://www.pmerechim.rs.gov.br/pagina/145/clima>
- Primavesi, A. (2002). *Manejo ecológico do solo: agricultura em regiões tropicais*. São Paulo: Nobel.
- Silva e Silva, F. (2021a) Uma filosofia multiespécie para a sobrevivência terrestre. In: D. Haraway. *Manifesto das espécies companheiras – Cachorros, pessoas e alteridade significativa* (pp. 177-184). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Silva e Silva, F. (2021b). Cuidar do Mundo Comum: Atenção, Cuidado e Incomunidade. In: Programa de Pós-Graduação em Filosofia PUCRS (Org.). *XXI Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS* (pp. 55-61). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. <https://doi.org/10.36592/9786581110390-04>
- Silva e Silva, F. (2022). *Fazer filosofia em um planeta ferido: Whitehead, Stengers e uma filosofia ambiental*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre]. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10314>
- Tsing, A. (2019). *Viver em ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.
- Tsing, A. (2022). *O cogumelo no fim do mundo*. São Paulo: n-1 edições.

¹O uso do termo estória relaciona-se com a noção de Ursula Le Guin (2021) que parte de uma premissa, notadamente feminista, em que as narrativas precisam ser deslocadas da figura do Herói.

²Pitanga escolheu esse nome, pois é uma fruta que tem relação com um grupo de mulheres, o qual ela participa. Bracatinga (*Mimosa scabrella*) foi o nome escolhido, pois é uma árvore nativa das regiões mais frias do Sul do Brasil, tem pequenas flores amarelas, e o mel dela produzido é conhecido por seus fins medicinais. A escolha do nome de Cacaú se deu pela tropicalidade, uma vez que em sua propriedade há frutas tropicais que não são comuns no Sul do Brasil.

³CAAE: 54376221.4.0000.0121

⁴É o processo de geração de credibilidade que pressupõe a participação solidária de todos os segmentos interessados em assegurar a qualidade do produto final e do processo de produção (Ecovida, 2022);

⁵ A Rede Ecovida de Agroecologia foi fundada em 1988, resultado da luta de ONGs e organizações de agricultores da região Sul do Brasil, contra os avanços da Revolução Verde e em defesa da “agricultura alternativa”, como eram nomeadas as iniciativas de agroecologia na época (Ecovida, 2022). Atualmente a Rede conta com 27 Núcleos Regionais, abrangendo cerca de 352 municípios. Seu trabalho congrega, aproximadamente, 340 grupos de agricultores (abrangendo cerca de 4.500 famílias envolvidas) e 20 ONGs (Ecovida, 2022).

Camila Ferraz Bortolini, Mestre em Psicologia na Área Psicologia Social e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é Doutoranda em Psicologia na Área Psicologia Social e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Endereço para correspondência: R. Pedro Américo, 640 - Capão Raso, Curitiba - PR. CEP: 81110-010. Telefone: +55 54 99116-9480. Email: cferrazbortolini@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4140-5947>

Maria Juracy Filgueiras Toneli, Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP), é Professora titular do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: juracy.toneli@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9311-5020>

João Manuel de Oliveira, Doutor em Psicologia Social pelo Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, é Professor Auxiliar Convidado e Investigador Integrado Extenso no Iscte-Instituto Universitário de Lisboa. Email: joao.oliveira@iscte-iul.pt ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2793-2946>

Recebido em 13.jan.23

Revisado em 11.out.23

Aceito em 24.set.24